

A REDESCOBERTA DO SAGRADO NA SOCIEDADE TECNOLÓGICA

Inácio Strieder

SUMÁRIO

Não raras vezes a nossa época é acusada de ser menos religiosa do que as épocas passadas. Será verdade? Após as diversas tentativas de dessacralização da sociedade tecnológica, aparecem na nossa época inúmeras manifestações religiosas novas. Essas parecem ser uma reação clara contra a mentalidade demasiadamente racionalista e opressora da sociedade tecnológica. Existe, porém, o perigo de que as manifestações religiosas novas alienem mais o homem do que o libertem. Contudo, elas parecem nada mais ser do que o desejo profundo do ser humano de reencontrar a sua "dimensão de profundidade" e de redimensionar o seu "interesse supremo". O presente artigo enfoca primeiramente "o poder sagrado" como mistério "terrível e fascinante". Discorre depois sobre os diversos movimentos filosóficos e "teológicos" de dessacralização desse mistério. Nesse processo de dessacralização fala-se da "aurora do homem" e do "crepúsculo de Deus"; da "teologia da morte de Deus" e do "fim do cristianismo convencional". Tudo isso leva a uma sociedade sem coração, ao "homem-máquina": frio e retilíneo. Mas nenhum homem se satisfaz apenas com a contemplação imanente de suas obras. Daí a insegurança atual. A volta para pseudo-religiões, superstições e manifestações pseudo-sacrais. Quando alguém perde a sua "dimensão de profundidade", a suposta "aurora do homem" está ameaçada. Por isso os esforços angustiantes da nossa época para redescobrir a verdadeira dimensão do sagrado, através duma simbologia compreensível ao homem atual.

1. INTRODUÇÃO

Talvez o título desta minha consideração desperte expectativas que não consiga satisfazer plenamente no decorrer da exposição. Falar em "redescoberta do sagrado" supõe que esse mesmo "sagrado" esteve anteriormente encoberto, escondido, ou esquecido. Vejamos, por isso, primeiramente, que tipo de "sagrado" se tentou apagar da mente humana.

1.1 O problema do "sagrado" se presta a muitas interpretações. A palavra "sagrado" vem do latim "sacer", que significa: consagrado ou santo. Para os latinos, lugares e objetos podiam ser sagrados. Assim encontramos bosques, montes, templos e caminhos sagrados. Em referência às pessoas dizia-se que eram "santas". Objetos e lugares podem ser sagrados, enquanto o homem é santo.

Num sentido mais amplo, entende-se por "sagrado" tudo aquilo que leva o homem a um contato e relacionamento com a divindade, e que, por isso, se torna objeto de seu temor, respeito e devoção religiosa.

1.2 Em 1917, Rudolf Otto colocou como base de um estudo sobre o fenômeno religioso o conceito de "sagrado". Destacou em sua obra dois aspectos do "sagrado". Para ele, o "sagrado" pode ser terrível, amedrontador, perigoso, demoníaco, destruidor, e, por outro lado, atraente e fascinante. Assim, o "sagrado" pode ser, ao mesmo tempo, terrível e atraente ao homem. Isso porque ele é percebido como uma força poderosa.

1.3 Pessoas das quais o "sagrado" tomou conta são percebidas como carregadas de poder: feiticeiros, mágicos, médiuns, sacerdotes, reis etc. O perigoso no poder sacral é o fato

de ele se tornar facilmente tabu. Como esse poder sempre se manifesta sob o aspecto do terrível e do atraente, a tentação do homem é apoderar-se dele, o que dá origem à magia, que através de certos ritos, procura manipular as forças supra-humanas para fins humanos.

As pessoas e os objetos carregados com força sagrada são geralmente separadas do mundo profano, estabelecendo-se uma oposição entre o sagrado e o profano. Contudo, em princípio, qualquer dimensão da realidade pode adquirir força sagrada: espaço, tempo, céu, terra, plantas, animais e o homem, tudo pode tornar-se sagrado. Sagrado, por exemplo, é o local onde se encontra a estátua do Deus, ou do Santo, lá onde a força do sagrado se manifesta. Desse local o homem deve guardar distância e respeito. Sagradas são as pessoas relacionadas com o culto: médium, curandeiro, sacerdote etc. E como tais pessoas possuem poder, geralmente estão rodeadas de tabus. Pessoas e objetos podem identificar-se de tal forma com o sagrado, a ponto de não permanecerem apenas sinais do sagrado divino, mas serem absolutizados. E quando alguém, ou algum objeto, é alçado à categoria de absoluto, não poderá mais ser contestado. Dali a possibilidade de homens, partidos e ideologias se tornarem incontestáveis.

2. Dessacralização

Como se viu acima, o "sagrado" marca a sua presença entre os homens de muitas formas. Dele se pode usar e abusar, transformando-o em pseudo-sagrado, atribuindo sacralidade a quem não compete. Por causa dos equívocos nas atribuições das forças sagradas, iniciou-se na Renascença um poderoso movimento de dessacralização da realidade humana. Esse

movimento tem como conseqüências a criação de uma nova imagem do mundo e do homem.

2.1 A partir da Renascença, o homem novamente se torna a medida de todas as coisas (Protágoras). Cria confiança em si. De mero espectador do Universo, passa a co-criador e forjador dele: é o próprio homem que deve modificar, melhorar e recriar o universo. Promove-se a auto-suficiência dos indivíduos, procurando libertá-los das formas de vida e das estruturas primitivas. Segundo essa mentalidade, p.ex., é mais eficiente construir açudes e canais de irrigação do que fazer procissões para pedir chuva.

As idéias da Renascença, de conscientização e de autonomia do homem, desabrocharam no movimento do Iluminismo, em que se manifesta a tendência de considerar a realidade religiosa como fator de obscurantismo e ignorância.

O Iluminismo pretende reduzir todas as dimensões da realidade a dimensões racionais. Possui uma visão otimista do mundo e do homem. Acredita cegamente no progresso. Quer substituir a religião pela filosofia. Manifesta-se contra tudo que se denomina sagrado ou sobrenatural. Nega qualquer referência à graça de Deus e à revelação.

Segundo o Iluminismo, o homem não precisa de Deus para ser bom. Poderá auto-redimir-se. Basta que ele siga a sua razão para resolver todos os problemas da humanidade. A idéia iluminista foi grandemente favorecida pela alteração das cosmovisões após a Idade Média, e pelo progresso das ciências naturais e da técnica.

No mesmo processo de dessacralização da natureza e do Universo está também o Positivismo de Augusto Comte. Segundo Comte, o estágio mais primitivo teria sido o estágio do fetichismo, da teologia e da religião. O segundo, o da filosofia e da metafísica.

E o último, que, segundo Comte, iniciou-se com ele, é o estágio positivo, em que a humanidade reconheceu finalmente a impossibilidade de adquirir conhecimentos absolutos, desistindo de perguntar pelas origens e pelos destinos do homem e do universo, como nos estágios anteriores. Agora, na época das ciências positivas, o homem se limita a descobrir, através da teoria e da observação, as leis ativas da natureza. Pesquisas sobre as causas interiores dos fenômenos não lhe interessam. Mas nem o próprio Augusto Comte conseguiu permanecer fiel a essa sua idéia positivista, pois o Positivismo assumiu bem depressa dimensões religiosas. Ainda hoje encontramos Templos Positivistas, também no Brasil. Não podemos negar, contudo, que o Positivismo representou um desafio às religiões tradicionais.

Outros pensadores representativos, como Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud, também se empenharam numa crítica violenta e contestatória do fenômeno religioso e da presença do sagrado na humanidade. Feuerbach afirma que "não foi Deus quem criou o homem à sua imagem e semelhança, mas foi o homem que criou Deus à sua imagem e semelhança". Isso significa que, para Feuerbach, o sagrado é pura invenção e imaginação dos homens. Marx explicita como o homem teria chegado a inventar a religião. A religião, para ele, nada mais é do que o gemido da criatura oprimida, o sentimento de um mundo sem coração, o sentimento do homem que ainda não se encontrou. A miséria religiosa é, em última análise, a expressão e o protesto contra a verdadeira miséria. É o homem que faz a sua religião e não é a religião que faz o homem. O Estado cria e apóia a religião para conservar os súditos submissos. Desta forma a religião, para Marx, nada mais é do que o ópio do povo. Através da religião o povo é ludibriado e oprimido. No dia em que o homem estiver liberto de suas opressões, ele não precisará mais de religião.

Nesse processo de dessacralização do mundo é necessário tomar também em conta o pensamento de Nietzsche, que pode ser considerado o filósofo da "morte de Deus". Para Nietzsche, o maior evento da atualidade é o fato de que Deus está morto, que o Deus cristão está desacreditado. E porque o velho Deus morreu, o coração de Nietzsche se derrama em gratidão e maravilha. Já que todos os deuses morreram, existe agora lugar para o homem, para o super-homem. Esse super-homem será livre em tudo. Não precisará mais temer um Deus que tudo fiscaliza, tudo observa, tudo controla. Nunca mais o homem precisará rezar, adorar, nunca mais confiar em algo que ultrapassa a sua realidade terrena. Nietzsche alimentava a esperança de que o seu super-homem viveria numa época livre de qualquer influência cristã. Então, as igrejas nada mais seriam do que jazigos e monumentos fúnebres de Deus. A referência ao sagrado estaria varrida da mente dos homens. O super-homem não acreditará mais nos que falam em esperanças supraterestras, nem se preocupará com felicidade, razão, virtude, justiça, piedade. Deverá amar a vida e ser fiel à terra. Com isso se desenvolverá nele a força, a coragem, a inteligência e a felicidade. Para esse homem Deus morreu, e é bom que continue morto. Enquanto acontece na mente do homem o "crepúsculo de Deus", surge a "nova aurora", a "aurora do homem".

Freud caminha nas mesmas perspectivas de dessacralização da realidade, como os pensadores acima mencionados. Para Freud, a religião é uma neurose obsessiva, pois ela é fruto da imaginação. E quem fica imaginando coisas é neurótico.

Para as idéias dessacralizantes, o nosso mundo já não se apresenta como o mundo antigo, quando Tales de Mileto pôde exclamar: "Tudo está cheio de deuses". Durante séculos a humanidade vira, numa interpretação sacral da realidade, todos os

fenômenos apontarem para aquilo que os transcende, situando-os no nível do sagrado. Essa transcendência influenciava ativamente, de todos os lados, a esfera empírica da existência humana. Com a dessacralização da realidade, a esfera empírica tentou fechar-se sobre si mesma, não deixando frestas para o sagrado. A passagem dum "mundo cheio de deuses" para um "mundo sem Deus" foi gradual e lenta. No surgimento desse estado de coisas tiveram papel decisivo os séc. XVIII e XIX, como demonstram as filosofias de Feuerbach, Nietzsche e outros, embora a dessacralização já tenha raízes bem mais antigas.

2.2 Por causa da coincidência espacial e temporal entre o pensamento filosófico dessacralizante e o desenvolvimento das ciências positivas e da tecnologia, responsabiliza-se, muitas vezes, o progresso científico e tecnológico pela destruição da dimensão sagrada do homem. Isso porque, sem dúvida, o espírito da sociedade industrial reflete um estilo de vida e um modo de pensar bem característico. Na sociedade industrial desponta um enorme interesse pela pesquisa científica e pela transformação técnica do mundo e do homem. O sistema de relações, o universo, basta-se a si mesmo, e esgota-se em si mesmo. Pode ser manipulado, aperfeiçoado, sempre em consonância com os desejos e as necessidades do homem. Assim, a realidade vai gradualmente perdendo a sua dimensão sacral. Vai sendo "desencantada". Deus é colocado à margem do campo no qual se exerce a atividade humana. É posto de escanteio, aposentado, conduzido para fora do mundo e proibido de intervir dentro dele. Porque cada intervenção sua estragaria os cálculos e os projetos humanos. Ao cabo desse desenvolvimento, Deus se torna supérfluo, um "Deus ocioso". Um Deus que não intervém naquilo que acontece debaixo da lua, como diziam os antigos, i.é., naquilo que acontece na terra.

O universo está entregue ao homem, seu único senhor e mestre. Em outras palavras, o homem deixa o céu para os anjos e pardais.

Para cumprir a sua tarefa, o homem precisa de forças produtivas e criadoras comparáveis com aquelas que, outrora, se atribuíam a Deus. Surge assim o homem-demiurgo, o super-homem.

A partir de Galileu Galilei, estabelece-se um tipo de preconceito no mundo ocidental, à religião, e, especialmente o cristianismo, é contra as ciências. Desta forma, para ser cientista, seria necessário ser ateu. Nessa perspectiva, existem cientistas que elevam as suas vozes contra o cristianismo e contra qualquer manifestação do sagrado. Para exemplificar, aqui, apenas duas vozes descrentes de cientistas: uma de B. Russell e outra de J. Huxley.

Russell, filósofo e matemático, diz no seu livro *"Porque não sou Cristão"* o seguinte: "A religião baseia-se, penso eu, principalmente e antes de tudo, no medo. É, em parte, o terror do desconhecido e, em parte, como já disse, o desejo de sentir que se tem uma espécie de irmão mais velho que se porá de nosso lado em todas as nossas dificuldades e disputas. O medo é a base de toda essa questão: o medo do mistério, o medo da derrota, o medo da morte. O medo é a fonte da crueldade e, por conseguinte, não é de se estranhar que a crueldade e a religião tenham andado de mãos dadas. Isso porque o medo é a base dessas duas coisas. Neste mundo, podemos agora começar a compreender um pouco as coisas e a dominá-las com a ajuda da ciência, que abriu caminho, passo a passo, contra a religião cristã, contra as igrejas e contra a oposição de todos os antigos preconceitos. A ciência pode ajudar-nos a superar esse medo pusilânime em que a humanidade viveu durante tantas gerações... não há limite quanto ao que a ciência poderia fazer no sentido de aumentar a coragem... As possibilidades da ciência, no sentido de aumentar a felicidade

humana, não se limitam a diminuir aqueles aspectos da natureza humana que contribuem para a derrota mútua, e que, por conseguinte, chamamos "maus". Não há limite, provavelmente, quanto ao que a ciência pode fazer no sentido de aumentar a excelência positiva..."

Para J. Huxley, um biólogo que foi diretor da UNESCO de 1946-48, "a hipótese 'deus' não possui mais utilidade prática para a interpretação ou compreensão da natureza. Ela, pelo contrário, muitas vezes atrapalha uma interpretação certa. Para uma pessoa instruída e inteligente aos poucos se torna tão difícil crer em Deus, como acreditar que a terra é plana, que um dia poderemos voar espontaneamente, que a doença é um castigo divino ou que a morte sempre é fruto de forças mágicas. A hipótese 'deus' está sendo eliminada centímetro por centímetro, até que desapareça completamente por ser inaceitável".

2.3 Dentro da mesma perspectiva, de eliminar a referência a Deus e ao sagrado na vida humana, se desenvolve o chamado "Humanismo Científico-tecnológico". Animados por um espírito extremamente pragmático, tecnocratas e cientistas pensam que um novo e profundo humanismo estaria às portas. Na sua argumentação, dizem que ideologias, política, religiões e as diferentes filosofias, até agora, só separaram os homens, opondo uns aos outros. A ciência e a técnica, pelo contrário, por toda parte estariam promovendo a união e o entendimento, oferecendo cada vez maiores garantias para uma comunidade humana eficiente na realização de seus ideais. No nível das ciências já se estaria desenvolvendo um diálogo que ultrapassa todas as fronteiras políticas, raciais e religiosas. No ambiente científico morreriam assim todos os sentimentos de ódio e de desentendimento.

2.4 Na mesma perspectiva laicista, em 1970 Herman Kahn e Anthony Wiener, do Instituto de Hudson, delinearam a sua projeção futuroológica sobre os últimos 30 anos do séc. XX. E o fizeram reservando um papel mínimo à religião, na pressuposição de que as culturas do séc. XX continuariam a ser cada vez mais "sensatas" (o que no pensamento deles queria dizer o mesmo que "empíricas"), deste mundo, seculares, humanísticas, pragmáticas, utilitárias, contratuais, epicuristas ou hedonísticas, e coisas semelhantes.

O fato de cientistas se pronunciarem dessa forma não admira, já que uma série de teólogos, em seus comentários sobre a situação contemporânea das religiões, concorda em constatar uma crescente evasão do sobrenatural e do sagrado do mundo moderno. Essa evasão, aceita como tendência global e irreversível por estes, é chamada de "processo de secularização". Falam da necessidade de desmistificação da realidade religiosa, da "teologia da morte de Deus", anunciando que entramos numa era "pós-cristã", e que o cristianismo convencional está no fim. O teólogo Thomas J.J. Altizer diz, por exemplo, no seu livro sobre "A Morte de Deus", o seguinte: "Deus morreu no nosso tempo, na nossa história, na nossa existência. Aquele que pensa como nós não pode aceitar a realidade da presença de Deus, e encarar o mundo como Sua criação: tampouco pode ser sensível "às clássicas imagens cristãs do Criador e de Sua criação. Assim sendo, a aceitação das formas tradicionais de fé não é mais do que uma fuga de caráter gnóstico às cruéis realidades da história".

2.5 Quais são as conseqüências desse movimento filosófico-ideológico e teológico de dessacralização da realidade?

Primeiro: dessacralizou-se a natureza. As ciências tornaram os homens mais conscientes. Agora sabemos que o sol e a lua, a água e a terra, os montes, as árvores e as pedras nunca possuem poderes

misteriosos que não possam ser analisados e explicados por leis positivas. O sagrado, pelo qual muitas vezes são cercados, é fruto da imaginação dos homens. Para a ciência, toda a realidade é manipulável e recebe explicações racionais e causais. Com isso, a ciência se apropriou de setores antes reservados à fé religiosa.

De fato a ciência e a técnica mudaram o tipo de relacionamento do homem com o mundo, e, por derivação, a concepção que o homem tinha de si. No mundo científico, Deus não pode mais intervir, como quis Descartes, para assegurar a correlação correta entre a interioridade de nossa consciência e a objetividade do mundo. Deus não se presta para preencher as lacunas e as brechas da ciência humana. Ele não é um Ser que intervém quando a nossa "gasolina" está no fim. O Deus "tapa-buracos" de fato morreu. Mas não é só a ciência que dessacraliza a natureza. Já na Bíblia encontramos um processo dessacralizante da natureza: o sol, a lua e as estrelas não são espíritos, ou deuses, mas apenas luzeiros para alumiar o dia e a noite.

Segundo: dessacralizou-se a realidade política. Em todas as épocas históricas aparecem tendências de sacralização de pessoas, regimes e ideologias na área política. Isso explica por que existe uma correlação de poder na política e no sagrado. P.ex., os reis eram sagrados. E o poder humano, quando se fundamenta no poder divino, se torna especialmente perigoso. Por isso a dessacralização do poder político já foi uma preocupação dos antigos profetas. Pelo processo de democratização das sociedades, a humanidade tentou dessacralizar o poder político. Mas pelo estado em que se encontram na atualidade as democracias, pode-se compreender que em nenhuma área existe mais necessidade de dessacralização em nossa época histórica, do que na área política.

Terceiro: houve dessacralização na Igreja. Como o mal e a graça convivem dentro da Igreja, ela é uma Igreja "semper reformanda", que continuamente deve ser reformada, principalmente naqueles

aspectos em que surgem falsas representações do sagrado, pois, quando o sagrado assume feições erradas, aparecem os ídolos. E nenhum cristão pode ser idólatra. No sentido próprio, só Deus é santo e sagrado.

A dessacralização na Igreja resume-se propriamente num desejo duma compreensão melhor do cristianismo. Até o Concílio Vat. II, p.ex., sacralizara-se demasiadamente o poder da Igreja, o sacerdócio e os sacramentos. É certo, não pode existir Igreja sem poder, mas esse poder pode ser exercido de diversos modos. Hoje procura-se maior participação do leigo nas decisões da Igreja. No cristianismo o sacerdote não ocupa a mesma posição sagrada do sacerdote pagão. O Novo Testamento até evita falar em sacerdotes, denomina-os "presbíteros", os mais velhos, os mais experientes. O sacerdote no NT não é um mediador sagrado, mas aquele que preside à comunidade. Sua primeira obrigação é o anúncio da Palavra de Deus, e só depois vem o culto. Em relação aos sacramentos, a doutrina da Igreja ensina que eles não são ações mágicas, que automaticamente comunicam poder sagrado. São antes de tudo sinais de referência a Deus. O que não significa que eles não sejam eficientes.

3. A Situação do Homem Atual

Poderíamos ainda passar outros níveis em que há uma necessidade e uma legitimidade de dessacralizar a natureza, as ideologias e as religiões. Mas verifiquemos quais as conseqüências da dessacralização científica, filosófica e religiosa, pois é pelos frutos que podemos avaliar o mérito ou o demérito da questão.

O problema está no fato de o homem tender a extremos. Quando encontra mitos alienantes na humanidade, conclui que é necessário acabar com todos os mitos existentes. Quando constata

um relacionamento falso com a divindade, procura destruir todo o relacionamento com o sagrado. Essa tendência fez com que os aspectos legítimos de uma dessacralização da natureza e das religiões se desvirtuassem. Por isso, muitos homens da era tecnológica quiseram fechar as suas portas ao sagrado. E qual o resultado? O homem perdeu a sua dimensão de profundidade. Ou, num sentido global, esqueceu-se de fazer opções de fundo. E isso resultou na realidade com a qual nos defrontamos em nosso dia-a-dia, na qual se criou uma situação para o homem que ele mesmo parece não poder mais dominar.

3.1 Muitos dos que esperavam da tecnização do mundo o céu da auto-realização já se decepcionaram e perceberam que a nova sociedade tecnocrata, de fato, pode tornar-se o inferno da auto-alienação, se o primeiro interesse não for a dignidade do homem.

Ante uma série de frustrações megalomaniacas de super-homem, de astronauta, de rei do universo, o homem comum volta a ter saudades duma vida simplesmente humana. Quer ser simplesmente homem num mundo humanizado. Já não aspira ser super-homem, nem tolera condições infra-humanas. Esse novo sentimento perante a realidade humana surge principalmente porque, nos nossos dias, as novas gerações estão vislumbrando com inteligência que a "Aurora do Homem", conseqüência do "Crepúsculo de Deus", não é tão radiosa. Essa "aurora" deu origem a um "homem tecnológico", quadrado como os edifícios em que habita, robotizado, que não possui coração: um homem frio e retilíneo. O homem massa, ao qual interessa produção e consumo. Para ele, todos se devem enquadrar nos esquemas de massificação. A sua obrigação básica é consumir muito para que a produção não pare. Em outras palavras, um homem convidado a ser "tubo digestivo". Um homem capaz de passar seu "rolo

compressor", sem dó nem piedade, por cima daqueles que não se sujeitam às suas idéias. Um homem para quem vale a lei da selva, a lei do mais forte.

3.2 Um tal homem sabe criticar muito bem tudo o que no passado existiu de errado na Igreja e nas religiões, classificando de mito, tabu e ignorância qualquer manifestação do sagrado. No entanto, ao mesmo tempo grita e se escandaliza quando a Igreja não aceita os seus dogmatismos, e não lhe sacraliza e abençoa os instrumentos de tortura e repressão, pelos quais pratica os mais flagrantes desrespeitos à dignidade da pessoa humana. Não se lembra de que na humanidade existem os fracos pelos quais Deus manifestou predileção especial, e que Deus se revelou aos homens em sua fraqueza. Deus não é um Deus ditador ou rei, que se cerca com guarda-costas e mercenários para protegê-lo, e sim um Deus que se deixa pregar na cruz. E essa é a sua grandeza.

Para o homem dominado pela mentalidade tecnocrata, a miséria humana, a defesa dos mais fracos, é deixada à caridade pública e às instituições de caridade. Quando, em nome do "sagrado", alguém exige maior proteção à família, à vida e ao homem, esse "homem tecnológico" procura reduzir essas manifestações ao âmbito das sacristias, limitando a repercussão dos argumentos propostos. O "sagrado" lhe é incômodo, pois a memória do "sagrado" lhe traz inquietação. Ele representa algo de perigoso para a memória humana, relativiza os ídolos e as ideologias. Lembra ao homem que ele é apenas homem.

Pelo fato de o progresso tecnológico ser terrivelmente ambivalente, já se aceita com bastante facilidade que a desejada e anunciada "aurora do homem" fracassou. Ao lado dos grandes benefícios, o progresso desperta inúmeros problemas desumanizantes. Por efeito do progresso tecnológico, as grandes cidades se tornam desumanas, porque não conseguem absorver o

afluxo populacional do interior. O ar se polui, a água se corrompe, o trânsito se torna insuportável. Faltam habitações, a saúde está em contínuo perigo, aumenta a criminalidade, cresce o número de marginais.

O mais trágico nesse quadro é que ninguém se sente responsável por essa situação. A frieza e a indiferença da tecnocracia se espalharam por um mundo com muitas necessidades, dor, pobreza, miséria, violências e crueldades. E quanto mais refinadas as técnicas, tanto mais refinadas se tornam as possibilidades de manipulação do homem.

4. O Homem Atual e as Manifestações Pseudo-Sagradas.

4.1 A realidade, acima descrita, que envolve o homem atual em todas as suas dimensões, em vez de trazer uma tranquilidade ao ser humano, trouxe-lhe uma tremenda insegurança existencial. Por isso, todo homem precisa de pontos de apoio e referência. Quem não encontra a sua segurança, os seus pontos de apoio em Deus, os situará em outro nível. Pela evasão do sagrado e do sobrenatural, o homem está tentado a absolutizar dimensões de seu mundo finito, ou a sacralizar ídolos, surgindo com isso as superstições.

Quando falamos em "redescoberta do sagrado na sociedade tecnológica", é bom primeiramente verificar as manifestações de pseudo-sacralidade em nossa época. Por isso, alguns exemplos dessa pseudo-sacralidade:

4.2 Mircea Eliade, no seu livro sobre "O Sagrado e o Profano" (5:208 ss.), afirma que o homem, quando se vê frustrado em sua experiência religiosa autêntica, se volta às pseudo-religiões e aos pseudo-messianismos, pois a relação do homem com o sagrado é

algo intrínseco à natureza humana, e não apenas fruto de uma cultura. Assim, no nosso tempo, a técnica substitui a magia, o messianismo político substitui o messianismo cristão, o Estado e os partidos substituem os deuses do passado. O homem dessacralizado não aceita nenhum modelo de humanidade fora da condição humana histórica. Esse homem quer construir-se a si mesmo e o sagrado lhe parece um obstáculo para a sua liberdade. O homem 'a-religioso' é o resultado dum esforço de dessacralização da existência humana. Mas já que a referência ao sagrado é algo inerente à natureza humana, o homem profano, queira ou não queira, conserva vestígios de um comportamento religioso. Mas vestígios esvaziados de significação religiosa.

4.3 Perante as inseguranças que cercam o homem atual, esse mesmo homem possui um incontido desejo de esclarecer o enigma de seu futuro. Perante esse enigma, o homem que não possui fé, ou não possui fé suficientemente esclarecida, cede facilmente à tentação de recorrer a meios que lhe sirvam de proteção. Como a existência humana em si não oferece perspectivas suficientes de segurança, é necessário buscá-la em outro nível de relações. Por isso, o homem moderno, enquanto possui nos lares instrumentos que falam do saber humano, como televisão, telefones, eletrodomésticos e, nas empresas, computadores e máquinas complicadas que mostram a capacidade criativa da razão humana, esse mesmo homem das ciências e da técnica vive preso a credices, que certamente não correspondem a uma mentalidade científica. São inúmeras as superstições que encontramos no nosso meio. Às vezes, são coisas realmente ridículas como, por exemplo, o número 13: em muitos hotéis não existe o quarto nº 13, e as agências de viagem encontram dificuldades em vender a poltrona nº 13; o gato preto que cruza o caminho; a sexta-feira, em que não se deve fazer compras ou

vendas nem iniciar uma viagem; os feitiços, os amuletos, os talismãs, as figas, as ferraduras nas portas, as fórmulas de esconjuração, as orações fortes, o medo dos fantasmas, das assombrações etc. Não se deve passar por baixo de uma escada, que dá azar; se, no casamento, o noivo vê a noiva antes de ir para a igreja, dá azar; quem sonhar casando deve saber que vai morrer alguém na família; se uma coruja passa por cima duma casa, morrerá alguém naquela casa ou naquela rua. Muitos festejam com grande cuidado o romper do novo ano: não se deve iniciar o ano com roupas usadas, do contrário o novo ano não será bom. Muita gente não começa nada sem antes consultar o horóscopo. Dizem: as estrelas não mentem. Consultam o horóscopo antes das excursões, antes dos exames, da escolha do companheiro, antes do nascimento dum filho. Outros vão procurar as cartomantes, os sortistas, os feiticeiros, os mágicos, as benzedeadas, ou então consultam os mortos. Acreditam em corpos fechados e coisas semelhantes. Perguntei um dia a um diretor de jornal o que achava do horóscopo, que aparecia em cada edição de seu jornal. Respondeu-me: "É blefe, mas tenho que colocá-lo, pois do contrário perderia muitos dos meus leitores".

Françoise Gillot, uma companheira temporária do grande pintor Pablo Picasso, o qual se declarava descrente, relata que ele era extremamente supersticioso. Quando, p.ex., alguém colocava por descuido um chapéu em cima da cama, Picasso acreditava que alguém deveria morrer na casa. Se alguém abrisse descuidadamente um guarda-chuva no quarto, exigia que os presentes cruzassem os dedos médios com os indicadores e atravessassem o quarto sacudindo as mãos e gritando "lagarto, lagarto", para espantar a desgraça.

Em cada fim de ano, publicam-se amplamente as profecias para o ano seguinte. As profecias de Nostradamus e de São Cipriano preocupam e inquietam a muitos.

De acordo com as pesquisas feitas na Inglaterra, aproximadamente 50% dos entrevistados já tinham consultado cartomante; um entre seis acreditava em fantasmas, e um entre quinze disse já ter visto algum.

Parece que nunca o homem acredita em tantas coisas como quando diz não acreditar em nada. Todo homem é um ser espiritualmente religioso. Por isso, nenhum homem, nem o mais simples, pode viver espiritualmente sem uma interpretação do mundo. E onde uma referência ao Sagrado não lhe possibilita uma tal interpretação, ele se agarra a ilusões, que substituirão a interpretação religiosa.

O homem de hoje, que, mais do que nunca, vive rodeado de insegurança, é talvez particularmente vulnerável a todo tipo de credices, atribuindo facilmente valores e poderes mágicos a objetos capazes de afastar males ou atrair felicidades ou benefícios. Em outras palavras, a dar sentido e segurança para aquilo a que a ciência e a técnica não conseguem dar sentido. Por isso, a maioria dos sem-religião ainda se comporta religiosamente, se bem que não esteja consciente desse fato. Não se trata apenas da massa de superstições e de tabus do homem moderno, que possuem todos uma estrutura de origem mágico-religiosa, mas o homem moderno dispõe ainda de toda uma mitologia camuflada, e de numerosos ritualismos sagrados degradados. Os festejos que acompanham o Ano Novo, ou a instalação duma casa nova, apresentam, se bem que laicizada, a estrutura de um ritual de renovação. Constata-se o mesmo fenômeno por ocasião das festas e das alegrias que acompanham um casamento ou o nascimento de uma criança, ou a obtenção de um novo emprego, ou de uma ascensão na escala social.

Poder-se-ia escrever uma obra toda sobre os mitos do homem moderno, sobre as mitologias camufladas nos espetáculos que ele prefere, nos livros que lê. A televisão é uma verdadeira

fábrica de sonhos. Ela é como que o novo "santuário familiar", ante o qual se permanece horas e horas em devota meditação. Bastaria colocar uma vela de cada lado da televisão para que o sacrário estivesse perfeito. As idéias do nudismo, que, muitas vezes, são propagadas, p.ex. as praias de nudistas, são nostalgias dum paraíso perdido. Na psicanálise, o paciente é como que convidado a penetrar profundamente em si mesmo, para enfrentar os "monstros do inferno", saindo dali vitorioso para uma existência plenamente responsável e aberta para os valores espirituais. São processos semelhantes aos ritos de iniciação, a um batismo, no qual se morre para o errado e se renasce para uma vida nova.

Quando o homem perde a sua dimensão de profundidade, essa profundidade se vinga, de outras maneiras, daquilo que lhe foi roubado.

4.4 Encontramos também pseudo-manifestações do sagrado, na época atual, nas divinizações de regimes, ideologias ou de dirigentes políticos. O que poucos sabem, por exemplo, é que os nazistas, que diziam ser o cristianismo uma religião de pessoas fracas, estavam construindo um amplo "santuário". O comandante-em-chefe dos nazistas, Heinrich Himmler, já havia escolhido os seus "Doze Apóstolos", que deveriam ser os futuros pais do super-homem ariano. Com eles Himmler se reunia para meditações e ritualismos no "pseudo-santuário nazista". Em Leningrado, na Rússia, os soviéticos construíram um mausoléu a Lenine. Milhares de pessoas, diariamente, desfilavam, e continuam desfilando, em devota procissão diante dos restos mortais de Lenin, como se fosse um santo. Na Praça de Na Men, em Pequim, os chineses construíram um faraônico Mausoléu a Mao-Tzé-Tung. Os trabalhadores chineses, que edificaram essa obra, foram todos voluntários e estavam entusiasmados com a grandiosidade da

construção. Essa atitude se pode, perfeitamente, comparar àquela que, em épocas passadas, os homens religiosos sempre tiveram na edificação de suas igrejas.

5. A Redescoberta do Sagrado

5.1 Poderíamos continuar enumerando muitos endeusamentos na área política. É a volta do homem da sociedade tecnológica à adoração de ídolos, e à sacralização de ideologias. Essa tentativa do homem atual de agarrar-se a um ponto de apoio deve-se ao fato de ele, com todo o seu progresso, ter perdido a sua "dimensão de profundidade". Na consideração que faço sobre essa "dimensão de profundidade" aproveito uma reflexão do teólogo Paul Tillich. Segundo essas considerações, não ter mais a "dimensão de profundidade" significa que o homem perdeu a resposta à pergunta pelo sentido global de sua vida, isto é, donde vem, para onde vai, o que deve realizar e o que deve fazer de si no curto espaço de tempo que medeia entre o seu nascimento e a sua morte. Essas perguntas já não encontram mais respostas. Quando se perdeu a "dimensão de profundidade", tais perguntas nem são mais colocadas. Precisamente isso ocorre numa sociedade que ignora a dimensão do Sagrado. O homem que se deixa levar por uma mentalidade puramente tecnológica não tem mais coragem de formular tais perguntas com seriedade incondicional. E essa "dimensão de profundidade" no homem é a sua "dimensão religiosa", em que se situa a dimensão do sagrado.

"Ser religioso", em outras palavras "preocupar-se com o sagrado", significa perguntar apaixonadamente pelo sentido de nossa existência e estar aberto para respostas, mesmo que elas nos abalem profundamente. Uma tal concepção vê a realidade do "sagrado" como algo universalmente humano, se bem que se

distancie daquilo que comumente se entende por religião. A religião, enquanto dimensão de profundidade, não é só a fé na existência de um só Deus. Não consiste só em atos e instituições, nas quais se exprime a ligação do homem com o seu Deus. Não se pode negar que as religiões históricas são religiões nesse sentido: ela é o ser do homem, enquanto este está às voltas com o sentido de sua vida e da sua existência como tal.

O fato de o homem ter perdido a sua dimensão de profundidade deve-se à sua relação para com o mundo e para consigo mesmo. Por meio da ciência, o homem sujeitou o mundo a si e usa-o com a ajuda da técnica. As forças ativas da sociedade industrial, da qual ele próprio faz parte, impelem-no para frente, no sentido horizontal. No seu caminhar pelo espaço e tempo, o homem modifica o mundo que encontra, e essa modificação, por sua vez, se transforma em instrumento. Porém, diante da pergunta: "para que serve o instrumento"? - ele não tem resposta.

Não é preciso ir longe para buscar exemplos para esta situação: a nossa vida cotidiana na profissão e na família, em viagens de automóvel ou de avião, em sociedades ou conferências, lendo revistas ilustradas ou propagandas, vendo televisão ou ouvindo rádio, tudo isso é um único grande exemplo para uma vida sem dimensão de profundidade, para uma vida que se esvai, preenchendo cada instante com algo que deve ser feito, dito, visto ou planejado. Mas o homem não consegue ter a experiência da profundidade, sem estar quieto e refletir sobre si mesmo. Enquanto a demasiada preocupação pelo que é provisório e passageiro (por importante que seja) não arreda pé, a preocupação pelo que é eterno e sagrado não consegue tomar conta dele. Reside ali a razão mais profunda para a perda da dimensão da profundidade na nossa época, para a perda da religião no sentido próprio e universal da palavra.

Com a perda da dimensão de profundidade, perdem-se também os símbolos, que são a expressão dessa profundidade. Isso vale para os grandes símbolos das religiões ocidentais, os símbolos do judaísmo e do cristianismo. Do seu perecimento não é culpada, em primeiro lugar, a crítica científica, mas o fato de que tanto teólogos como leigos não compreendem o significado dos símbolos bíblicos, e os interpretam literalmente como relatos de eventos reais.

Por causa disso, o ataque da ciência contra eles tornou-se possível e necessário. O primeiro passo para a destruição da religião foi a religião mesma que o deu. Ao tentar salvar os símbolos, defendendo-os como descrição de eventos reais, ela já perdera a batalha contra a ciência. Símbolos só vivem enquanto são entendidos como expressão da vida na dimensão de profundidade. Se são transpostos para o plano horizontal, se seus conteúdos são postos num mesmo plano ao lado de objetos e fatos finitos, perdem sua força e significação, e tornam-se presa fácil para os ataques das ciências biológicas e históricas.

Se o símbolo da criação, p.ex., que aponta para o fundamento divino de todo ser, é transposto para o plano horizontal, converte-se numa narração de eventos dum passado bem longínquo, para os quais não há provas e que contradizem todo e qualquer conhecimento científico. Se tomamos o símbolo da queda original, que exprime a alienação do homem e do seu mundo da verdadeira essência (natureza), e se o transpomos para o plano horizontal, temos a história dum casal humano que há milhares de anos vivia numa terra, que hoje se chama Iraque. Assim, uma das descrições psicológicas mais profundas da situação humana converte-se, no plano horizontal, num absurdo. Se transpusermos os símbolos do Salvador e da Redenção, que falam da força sanante que atua na vida humana e na história, para o plano horizontal, convertem-se em relatos sobre um ser

semi-divino que desce do céu e para lá volta. Desfigurados dessa maneira, os símbolos não têm mais sentido para os homens, cuja concepção do mundo foi moldada pelas ciências naturais.

A idéia de Deus e os símbolos de que nos servimos para a sua descrição exprimem aquilo que é do "supremo interesse" do homem. Transpondo-os para o plano horizontal, Deus se torna um ser ao lado de outros seres, devendo-se então provar a sua existência ou não existência. Depois que o homem se desfez da dimensão de profundidade e se privou dos seus símbolos, ele próprio se torna parte do plano horizontal. Perde a sua identidade, tornando-se coisa entre coisas, um fator entre outros do processo de produção calculada e do consumo previsto. Esse fato é hoje por demais sabido. Sabemos que o papel de cada um no sistema pode ser calculado, e não temos maneira de subtrair-nos a esse jogo, mesmo que lhe conheçamos as regras e mesmo que tenhamos parte na direção do jogo. O influxo da mentalidade dos dirigentes de grupos de jovens, o influxo do espírito da empresa sobre os funcionários mais altos, o nivelamento espiritual, que vem dos meios de comunicação social e da propaganda que, em parte, se vale de métodos cientificamente estudados, tudo isso é constantemente descrito e analisado. Debaixo de tal pressão, ninguém mais consegue escapar à sina de tornar-se coisa juntamente com as coisas que produz, de tornar-se um feixe de reflexos condicionados, que não têm mais autonomia, força de decisão, nem consciência de responsabilidade. O mecanismo espantoso que o homem põe em movimento, produzindo objetos para o próprio consumo, converte-o em objeto de uso dentro do mesmo mecanismo. Contudo, o homem não deixou de ser homem. Ele se defende contra esse destino com medo, desespero e coragem. Continua colocando a pergunta pelo "para quê", mas não sabe nenhuma resposta a essa pergunta. Sente o vazio e a falta de sentido em sua vida sob movimentação ininterrupta na

produção de meios para fins, que, por sua vez, se tornarão meios que não apontam para nenhum fim definitivo. Sem compreenderem o que aconteceu, muitos sentem que perderam o sentido da vida, a dimensão de profundidade.

Nesse estado de coisas, faz-se ouvir a pergunta religiosa. O que se passa no íntimo do homem encontrou a sua expressão na arte do nosso tempo, tanto na pintura e escultura quanto na literatura, e, se bem que em medida menor, também na filosofia. Devemos voltar-nos, portanto, para essas áreas, se quisermos entender a atitude religiosa do homem de hoje. No estilo da arte moderna, e nos seus objetos, se expressa a busca apaixonada, e muitas vezes trágica, pelo sentido da vida, numa época em que a dimensão de profundidade está escondida.

5.2 No campo que, tradicionalmente, denominamos de religioso, temos que considerar a redescoberta do sagrado em dois níveis: no nível institucional e no nível extra-institucional. Em relação a esses dois níveis, a dessacralização e a desmitificação científica e religiosa deixaram um vazio.

Alguns desmitificadores do sagrado, que se deixaram levar pela mentalidade científico-tecnológica, situando o sagrado no mesmo nível das ciências positivas, empenharam-se num movimento de racionalização do "sagrado". Uma tal atitude bem depressa encontrou uma reação. A religião não se reduz a um relacionamento racional do homem com Deus, mas é um relacionamento vital. E esse só se pode expressar através de gestos, ritos e linguajar simbólicos. O problema não era acabar com a dimensão do sagrado, mas redimensioná-lo. Dentro dessa perspectiva, encontramos no Concílio Vaticano II (1963-1965) o mais poderoso movimento de redimensionamento e da descoberta do sagrado para a sociedade tecnológica. Pelo Concílio abriu-se o caminho para as novas experiências do sagrado, no sentido

legítimo. Houve, porém, correntes dentro da própria instituição eclesial que julgaram a abertura do Concílio a destruição do verdadeiro Sagrado, e bem depressa surgiram as reações: continuar com a missa em latim, proibir a comunhão na mão, os padres usarem batina, formar os seminaristas em seminários fechados. Eram as idéias dum D. Sigaud, dum Gustavo Corção, dum Bispo Lefébvre, da TFP, do Opus Dei e outros movimentos conservadores.

No meu entender, nem a demasiada racionalização da vida religiosa nem a volta a formas antigas de expressão do sagrado representam a redescoberta verdadeira do sagrado na sociedade tecnológica. O problema não é acabar com procissões, com orações, santuários, etc., ou conservar as formas passadas de relacionamento com o sagrado. O problema está muito mais em valorizar as legítimas possibilidades de relacionamento do homem atual com o sagrado. Não no sentido de sacralizar lugares, plantas, animais, templos ou pessoas, pois, nessa terra, não existe nem lugar nem pessoa tão sagrada que seja tabu. Isso seria alienante se existisse.

A redescoberta do sagrado se manifesta, por exemplo, na Igreja, pela maior participação dos fiéis na vida comunitária e por uma compreensão mais certa e mais profunda da doutrina cristã. Ainda mais, o sagrado está atualmente entrando por outras portas: a Igreja que se preocupa com o homem todo.

5.3 Em nome de Cristo a Igreja cristã defende a liberdade, o direito, a justiça, a dignidade da família, o interesse pelos outros, a abnegação de si mesmo etc. Nisso mesmo verificamos que a humanização do mundo, independentemente do "sagrado", não é humano e não possui fundamento onde situar duradouramente o seu interesse pelo homem. Argumenta-se que esse interesse também pode existir em nome do desenvolvimento, em nome do

prazer, em nome do bem-estar. Mas esses conceitos não atingem a dimensão de profundidade do homem. E a validade deles para o homem individual não passa a duração dos 70 anos. Para um soldado na frente de batalha talvez seja interessante lutar por uma ideologia, mas, para quem é operado de câncer, ideologias intra-históricas, certamente, não representam muito. O homem, nessa situação, necessita de algo mais sólido para ainda ver sentido para a sua existência. E para tais situações o que até agora deu mais sentido e consolação aos homens de todos os tempos foi o seu relacionamento com o sagrado: "passarão os céus e a terra, mas as minhas palayras não passarão".

A religião, pregando o respeito pelo homem todo, incentivando a bondade, o amor, a verdade, a fé e a caridade, como fundamentos para a felicidade das pessoas, e lutando pelos pobres, levando justiça onde acontecem injustiças, agindo como as instituições de caridade, protegendo as minorias, manifestam autenticamente na atualidade a presença do sagrado entre os homens.

Por outro lado, temos também o surgimento de novas iniciativas dentro das religiões: comunidades de base, reflexões teológicas sobre a libertação dos homens, o pentecostalismo, os cursilhos de cristandade, o encontro de jovens etc., que manifestam o irrompimento do Sagrado na era tecnológica. Em outras palavras, assim é vista a ação do Espírito Santo na atualidade. Nesse mesmo nível da ação do Espírito Santo, poderíamos ainda mencionar o ecumenismo, ou o "Concílio dos Jovens", iniciado em 1974 em Taizé, na França, onde 30.000 jovens de 120 nações do mundo se comprometeram a rezar e se engajar para que os homens se tornem mais comunitários.

Como a sociedade humana é dinâmica e as instituições visam geralmente a uma estabilização, muitos homens na sociedade tecnológica, sentindo uma necessidade profunda de

satisfazer as suas exigências de relacionamento com o sagrado, vão direto a esse sagrado, sem a mediação de uma das instituições religiosas já existentes. Essa atitude poderíamos chamar de "sagrado rebelde", autônomo, um fenômeno que explica por que, na nossa época, surgem tantas seitas religiosas novas. Aqui, no Brasil, encontramos especialmente o fenômeno do espiritismo e das religiões afro-brasileiras, juntamente com as diversas manifestações da religiosidade popular. Entre as seitas e as novas religiões, que pululam entre nós, gostaria de mencionar especialmente aquelas que vêm do Oriente: Yoga, Seicho-no-iê, Meditação transcendental, Discípulos de Hare-Krishna, Religião Bahai, Perfect Liberty (PL), Igreja Messiânica. Interessante é que a nossa época é a segunda da história em que há uma verdadeira invasão das religiões orientais entre os povos ocidentais. A primeira foi a época que precedeu o início da nossa era, em que o Ocidente foi invadido pelas religiões místicas, vindas do Oriente.

Muitas das novas manifestações religiosas da nossa época são uma clara reação contra a mentalidade demasiadamente racionalista e opressora da sociedade tecnológica. O perigo está em que tais relacionamentos com o Sagrado alienem mais o homem do que o conscientizem. No entanto, nada mais são do que o desejo profundo do homem de encontrar a sua "dimensão de profundidade".

5.4 O certo é que nenhum homem poderá viver sem um interesse supremo. E quem não relacionar esse interesse supremo com o sagrado verdadeiro, e na dimensão certa, fabricará para si pseudo-sagrados e ídolos.

Para o religioso autêntico, o "interesse supremo" só poderá estar relacionado com a sua vida de fé. E onde há fé, há também um saber acerca do Sagrado. E o primeiro saber teológico a respeito do "sagrado" é de que ele se localiza no mais profundo do

próprio homem. Como diz Paulo, o Apóstolo de todos os povos: "Não sabeis que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?" (I Cor., 3,16). E, na Carta aos Romanos, o mesmo Apóstolo Paulo diz: "Exorto-vos, irmãos ... a que ofereçais vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus: esse é o vosso culto espiritual" (Rm 12,1). Assim sabemos que o "verdadeiro sagrado" se encontra na "dimensão de profundidade do homem", e que cada um terá que fazer dele o "interesse supremo" de sua vida. Fá-lo-á interesse supremo de sua vida, santificando ou sacralizando o seu dia-a-dia. Esta eu considero a verdadeira redescoberta do Sagrado na sociedade tecnológica: o sagrado presente no mais profundo de cada pessoa humana. E esse mais íntimo do homem nunca poderá ser dessacralizado através de torturas e profanações. Essa presença do sagrado no homem manifesta que o homem é mais do que puramente homem, que ele é um ser essencialmente aberto para o transcendente.

A redescoberta do Sagrado na Sociedade tecnológica não significa, primeiramente, que há de novo mais gente indo às igrejas, que novamente se reza mais. Isso será uma consequência lógica do reencontro da dimensão de profundidade do homem, e de sua orientação para o verdadeiro "interesse supremo" da vida.

REFERÊNCIAS

- 01 - ALTIZER, Th.J.J. & HAMILTON, W. *A morte de Deus*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
- 02 - ALVES, Rubem. *Tomorrow's child, imagination, creativity and rebirth of culture*. New York, Harper Row, 1972.
- 03 - BAUER, J.B. *Entsakralisierung*. In *Die heissen Eisen von A bis Z*. Düsseldorf, Styria Verlag, 1972.
- 04 - BERGER, Peter. *Um rumor de anjos*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- 05 - ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Lisboa, s.e., s.d.

- 06 - FRIES, H. *Abschied von Gott*. Freiburg, Herderbücherei, 1968.
- 07 - NIETZSCHE, Friedrich. *Die fröhliche Wissenschaft*. Nietzsche-Werke. Salzburg, Bergland Verlag, s.d. v.2
- 08 - OTTO, Rudolf. *Das Heilige*. Breslau, 1917.
- 09 - RUSSEL, Bertrand. *Porque não sou cristão*. São Paulo, s.e., 1972.
- 10 - STRIEDER, Inácio. *A terra dos homens*. São Paulo, Loyola, 1977.
- 11 - TILLICH, Paul. *Die Frage nach dem Unbedingten*, Gesammelte Werke 5.
- 12 - VÁRIOS. *Impulse zur Verantwortung*. Düsseldorf, Patmos, 1974.